

## Edmund Leach

*Os Antropólogos* (orgs: Everardo Rocha e Marina Frid, Editora PUC-Vozes, 2014)

Mariza Peirano

Nossas classificações indicam a forma como procuramos organizar o mundo. Em relação à inserção dos antropólogos na disciplina, podemos distinguir duas maneiras: uma, representada pelos que se comprazem em criar rótulos para fundar ou legitimar escolas de pensamento (como foi o caso do funcionalismo, estrutural-funcionalismo, estruturalismo etc.). Outra, pelos que se situam como elos contemporâneos e membros de linhagens, dialogando, contestando e expandindo novos horizontes. Edmund Leach foi um dos principais antropólogos do segundo tipo, em um estilo brilhante, arrojado, criativo e polêmico. Sua originalidade teórica não foi marcada pela criação ou adesão a uma escola, mas pelo diálogo incessante com a própria história da antropologia, criando novas combinações a partir dos materiais analisados. Leach criticou vigorosamente tanto antigos mestres quanto colegas quando considerava que suas ideias impediam a criatividade. Mas era comum que, em outras ocasiões, recuperasse suas contribuições, indicando que nenhum antropólogo está sempre (in)correto – postura que utilizou para sua própria autoavaliação quando revisava posições que tomara antes. Sua obra pode ser vista como uma interlocução permanente, resultado da profusão de temas e materiais a que se propôs investigar. Em constante oposição à ortodoxia paralisante, deixou uma marca singular, comprovando que não há limites à inquirição da antropologia ao mundo. A obra de Leach foi e continua sendo fundamental para a formação de novos antropólogos.

Edmund Ronald Leach nasceu em Lancashire, Inglaterra, em 7 de novembro de 1910 e faleceu em 6 de janeiro de 1989. Graduiu-se em Matemática e Ciências Mecânicas no Clare College de Cambridge em 1932, com a distinção de *First Class Degree*. Após um período de quatro anos na China como funcionário de uma empresa de comércio, durante o qual viajou extensamente nas férias (incluindo uma visita aos

Yami na ilha de Botel Tobago, seus “primitivos reais”), retornou à Inglaterra em 1937 e estudou Antropologia Social com Bronislaw Malinowski e com Raymond Firth. À uma pesquisa abortada no Curdistão devido à crise de Munique (1939), seguiu-se uma viagem à Birmânia (hoje Myanmar), em 1939, para um período de pesquisa de campo que se prolongou até o fim da Segunda Guerra. Durante este tempo, tornou-se membro do Exército da Birmânia, viajando e conhecendo a região ocupada pelos Kachin no Nordeste do país. Doutorou-se na London School of Economics em 1947, onde passou a lecionar até 1953, quando retornou a Cambridge como *Lecturer*. Promovido a *Reader*, em 1972 foi nomeado para uma cátedra na universidade e, em 1966, tornou-se *Provost* do King’s College. Ascendendo em sua carreira, recebeu inúmeros prêmios prestigiosos na Inglaterra e nos Estados Unidos. Não se furtou a contribuir nas tarefas administrativas das instituições que prezava, inclusive ocupando altas posições acadêmicas e inserindo-se na vida pública: proferiu conferências na BBC (1967), escreveu inúmeros verbetes e incontáveis resenhas de livros, foi presidente da Association of Social Anthropologists (1966-70) e do Royal Anthropological Institute (1971-5), entre outras distinções e honrarias, culminando com sua elevação ao *status* de Cavaleiro, em 1975. Aposentou-se em 1979.

Sua produção acadêmica é vasta e diversificada, com pontos altos nas publicações dos livros *Political Systems of Highland Burma* (1954), baseado em sua pesquisa entre os Kachin – hoje um dos clássicos da antropologia e leitura obrigatória nos cursos de formação na disciplina; *Pul Eliya, a Village in Ceylon* (1961), onde confrontou as teorias de parentesco vigentes até então na antropologia feita na Inglaterra; e uma série de artigos influentes nas décadas de 1950 a 1980, marcada pela coletânea *Rethinking Anthropology* (1961) e pelos debates vigorosos com contemporâneos na revista *Man. Journal of the Royal Anthropological Society*. Um pequeno livro de 1970 apresenta sua perspectiva sobre a obra de Claude Lévi-Strauss e revela a influência deste autor em seus trabalhos.<sup>1</sup> A produção de Leach inclui contribuições em temas como parentesco e organização social, economia camponesa, posse de terra, casta e classe, semiótica, mito e ritual, classificação e liminaridade, comunicação simbólica, arte, tecnologia, textos bíblicos, mitos gregos.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Para compilação de sua bibliografia ver Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, *Edmund Leach. A bibliography*, Occasional Paper, 42, 1990.

<sup>2</sup> Utilizei como texto-base para as informações sobre Leach o texto memorial escrito por um de seus mais conhecidos alunos, Stanley J. Tambiah, publicado em *Proceedings of the British Academy*, 97: 293-344 (The British Academy, 1998), assim como, do mesmo autor, a biografia *Edmund Leach. An anthropological life* (Cambridge: Cambridge University Press, 2002). No Brasil, consultei a “Introdução” de Roberto DaMatta à coletânea *Edmund Leach*, por ele organizada (São Paulo: Editora Ática, 1983) e a “Apresentação” de Lygia Sigaud ao

Um rebelde em relação às tipologias, não aceitou sua inserção nas chamadas “escolas”: quando perguntado se era mais funcionalista ou estruturalista, respondeu que era ambos, um dia um; outro dia, o segundo. Na última década de sua vida, definiu sua perspectiva como “my kind of anthropology”. Mas, seja pelo estilo de apresentação, seja pelos temas apresentados, podemos dividir seu legado em duas fases: a primeira, expressa pelas monografias etnográficas sobre os Kachin e sobre a população de uma aldeia em Sri Lanka; a segunda, pelos artigos comparativos entre povos não ocidentais e temas familiares ao público inglês. Em todas as fases, nunca deixou de refletir sobre os caminhos da própria antropologia.

No que se segue, examinarei os principais interlocutores de Leach na sua trajetória intelectual e acadêmica, mencionarei brevemente suas duas principais monografias e artigos dos anos 1960, e darei especial atenção ao interesse pelos rituais. Concluirei com algumas considerações sobre sua última conferência.

### **Principais interlocutores**

As evidências empíricas reconhecidas nas pesquisas de campo revelaram a Leach a deficiência da teoria antropológica então vigente. Ao longo de sua trajetória, manteve-se constantemente em diálogo aberto, seu estilo predileto, e engajou-se com alguns personagens emblemáticos, ora para oferecer alternativas, ora para se situar e marcar posição frente a eles. Entre estes, destaco Radcliffe-Brown, Meyer Fortes, Raymond Firth, Lévi-Strauss e Malinowski.

Radcliffe-Brown representou a rigidez da ortodoxia a ser superada. No início de sua carreira, Leach costumava criticar “antropólogos ingleses”; não havia dúvidas sobre quem era o alvo. Na década de 1940, sua experiência em campo com os Kachin mostrou que só era possível entender a organização social desta população levando em conta a relação que mantinham com os Shan que ocupavam a mesma área. O dinamismo histórico entre sistemas políticos tão opostos como o *gunlao* kachin, anárquico e igualitário, e os Shan, de tendência hierárquica e feudal, indicava a impossibilidade de adotar a perspectiva de que sociedades possam ser comparadas por sua “estrutura social”. O sistema instável dos Kachin estava longe de se adequar aos pressupostos de que sociedades são sistemas orgânicos classificáveis em tipos integrados e em equilíbrio.

A discórdia continuou ao longo de sua carreira. Em *Pul Elyia* o debate foi com o discípulo de Radcliffe-Brown, Meyer Fortes, adepto do chamado estrutural-funcionalismo. Em “Rethinking Anthropology” (1961), Leach critica o tipo de comparação em vigor até então dizendo que os seguidores de Radcliffe-Brown faziam tipologias como se fossem “coleccionadores de borboletas”. Em seu lugar propõe uma operação mental de base lógica e matemática que define como “generalização”, e que resultaria, não de procedimentos considerados “científicos”, mas de “conjecturas inspiradas”. Em relação ao ritual, discorda da ideia de que o significado de um símbolo possa ser alcançado pela comparação de todas as situações em que o símbolo aparece, argumentando que este tipo de visão também pressupõe equilíbrio e estabilidade.

Anos mais tarde, Radcliffe-Brown já falecido, Leach indiretamente o redime em um texto em que reanalisa o material andamanês, resultado da única pesquisa de imersão etnográfica do autor e que resultou no livro de 1922, *The Andaman Islanders*. Em “Kimil: a category of andamanese thought” (1971), Leach credita a Radcliffe-Brown uma perspectiva que já antecipava o que, mais tarde, por meio de uma abordagem lógico-matemática, viria a ser o fundamento do estruturalismo.<sup>3</sup>

Este movimento incessante entre acreditar e duvidar foi usual na obra de Leach e dela não escapou nem mesmo Malinowski, seu personagem primeiro. Aluno participativo e entusiasta do famoso seminário dos anos 1930, Leach o via como protótipo de um antropólogo mais interessado nas diferenças do que nas similaridades entre sociedades humanas.<sup>4</sup> Às vezes em tom crítico, Leach creditou a

---

<sup>3</sup> O artigo “Kimil: a category of Andamanese thought” quase não recebe atenção na literatura sobre Edmund Leach, talvez por ter sido publicado em coletânea na área de folclore e não em periódico de antropologia. O texto está em P. Maranda & Elli Köngäs Maranda (eds.) *Structural Analysis of Oral Tradition* (Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1971, pp. 22-48). Ver, também, *Culture and Communication. The logic by which symbols are connected* (Cambridge: Cambridge University Press, 1976), que finalizada considerando *The Andaman Islanders* como uma das “clássicas grandes monografias da antropologia social”.

<sup>4</sup> Stanley Tambiah cita como membros do seminário de Malinowski: Raymond Firth, Evans-Pritchard, Fei Tsiao Tung, Francis Hsu, Jomo Kenyatta, S.F. Nadel, Audrey Richards, Lucy Mair, Phyllis Kaberry, Ian Hogbin, William Stanner, I. Shapera. Contemporâneos de Leach foram Phyllis Kaberry, Ian Hogbin, William Stanner, Nadel, Kenyatta, Fei Tsiao Tung e Francis Hu (Tambiah, 1989: 299, nota 10). Entre os alunos de Leach encontram-se, segundo a mesma fonte, os seguintes antropólogos: Frederik Barth, Jean La Fontaine, Nur Yalman, Anthony Forge, Martin Southwold, Ralph Bulmer; Adam Kuper, Geoffrey Benjamin, Stephen Gudeman, Andrew Strather, Marilyn Strathern, Ralph Grillo, Ray Abrahams, Jonathan Parry, C. J. Fuller, Alfred Gell, Stephen Hugh-Jones, Christine Hugh-Jones, Caroline Humphrey. Incluo nesta listagem Peter Silverwood-Cope, que lecionou na Universidade de Brasília de 1973 a 1989, e que aqui divulgou o trabalho de Leach.

celebridade de Malinowski como sendo resultado de seu método de pesquisa de campo, que se tornou o padrão na profissão, e pelos dogmas do funcionalismo – “um estilo de teorização mecanicista e simplificado”.<sup>5</sup>

Mas Leach costumava reunir alunos para reler e rever Malinowski, tão importante considerava seu legado. Nos anos 1960, foi frequente a reanálise do extenso material trobriandês de Malinowski, uma tarefa que tanto representava uma homenagem ao pesquisador quanto deixava à mostra que a boa etnografia sempre revela pistas e resíduos para uma interpretação alternativa. Leach foi um dos que reanализou mais de uma vez o material trobriandês.<sup>6</sup>

Em 1977 reconhece abertamente Malinowski como “o maior e mais original de todos os antropólogos sociais”,<sup>7</sup> opinião confirmada em seu último artigo, em que o considera um de seus heróis. Em defesa de Malinowski, é de Leach um comentário ferino sobre a publicação dos diários de campo escritos durante a pesquisa entre os trobriandeses por sua segunda mulher, em 1967, na época uma divulgação bastante controvertida.<sup>8</sup>

Entre seus pares, em vários momentos Leach menciona a influência de Raymond Firth em sua carreira, quer como o antropólogo que o apresentou a Malinowski na

---

<sup>5</sup> Ver Edmund Leach, *Claude Lévi-Strauss* (Nova York: Viking Press, 1970, pp. 2-3).

<sup>6</sup> Ver Edmund Leach, “Concerning Trobriand clans and the kinship category *Tabu*”, in Jack Goody (ed.), *The Developmental Cycle in Domestic Groups* (Cambridge: Cambridge University Press, 1958) e “Virgin birth”, *Proceedings of the Royal Anthropological Institute for 1966* (versão em português no livro organizado por Roberto DaMatta, *Edmund Leach*, São Paulo: Ed. Ática, 1983). Outras reanálises do material trobriandês são os trabalhos de Stanley Tambiah, “The magical power of words”, *Man*, 7 (3): 175-208; S. Tambiah, “Flying witches and flying canoes”, in *Culture, Thought and Social Action* (Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1985); Annette Weiner, *Women of Value, Men of Renown. New perspectives in Trobriand exchange* (Houston: University of Texas Press, 1980); Floyd Lounsbury, “Another view of the Trobriand kinship categories”, *American Anthropologist*, 67 (5): 142-85; Melford Spiro, *Oedipus in the Trobriands* (Chicago: Chicago University Press, 1983). Uma conferência sobre o Kula resultou no livro editado por Jerry Leach e Edmund Leach, *The Kula: new perspectives on Massim exchange* (Cambridge: Cambridge University Press, 1983).

<sup>7</sup> Citado por S. Tambiah, “Edmund Ronald Leach 1910-1989”, *Proceedings of the British Academy*, 97, nota 41, p. 311.

<sup>8</sup> “An anthropologist’s trivia”. *The Guardian*, 11 de agosto de 1967; para outra visão, ver George Stocking Jr., “Empathy and antipathy in the Heart of Darkness”, in Regna Darnell (ed.), *Readings in the History of Anthropology* (Nova York: Harper & Row, 1974, pp. 281-87).

London School of Economics, quer como o professor de quem foi assistente durante o ano acadêmico 1938-39. Leach partilhou a visão dinâmica de Firth em relação aos processos sociais e subscreveu o ponto de vista de que as atividades sociais sempre resultam de um conjunto complexo de elementos. Afastando-se da rigidez da noção de estrutura social de Radcliffe-Brown, a Firth interessava as inconsistências geradas pelas escolhas e ações individuais, o que certamente encontra paralelo nos trabalhos de Leach. A noção de “organização social” de Firth, embora tenha uma relação binária com a de “estrutura social”, compreende um conjunto de convenções culturais que permite aos indivíduos interpretar as regras sociais com flexibilidade no nível do comportamento empírico. Embora Firth não tenha se tornado um antropólogo cujas obras se tornaram leitura obrigatória na formação de novos especialistas – para Leach, resultado de seu estilo de escrita exigente –, seu papel na consolidação da antropologia britânica foi fundamental.<sup>9</sup>

Ao contrário de Firth, Claude Lévi-Strauss foi o personagem mais celebrado na antropologia do século XX, e Leach não escapou de sua influência. Mas tudo parece indicar que a experiência etnográfica anterior de Leach lhe garantiu razoável independência frente ao fascínio provocado pela proposta lévi-straussiana, além do fato de que, na primeira fase de sua carreira (ver *Political Systems*, abaixo), o diálogo difícil entre os dois se centrava no parentesco. Já nos anos 1960, Leach incorpora mais abertamente a proposta do estruturalismo, em parte inserindo nuances nela, em parte dela divergindo. Leach vê como característica central do modelo de Lévi-Strauss o fato de ele ser ordenado logicamente; nele, as estruturas lógicas a serem encontradas não estão nos fatos empíricos, mas *por trás* dos fatos empíricos. Em uma analogia cada vez mais próxima com a linguagem, Lévi-Strauss se desloca do parentesco para a estrutura do mito, fase que mais deixa marcas na antropologia desenvolvida por Leach. Inovações na antropologia em geral resultam de combinações inesperadas que arejam e provocam deslocamentos na disciplina – Leach associou a disposição empírica do estilo inglês e sua predisposição para a lógica pela via do estruturalismo de Lévi-Strauss. E assim criou sua bricolagem própria.

### ***Political Systems of Highland Burma, 1954***

---

<sup>9</sup> Ver Edmund Leach, “Raymond Firth”. *International Encyclopaedia of the Social Sciences* (Nova York: Macmillan Publishers, 1979); Raymond Firth, *Elements of Social Organization* (Boston: Beacon Press, 1951).

Planejado para ser um estudo socioeconômico da organização doméstica de uma comunidade local Kachin e suas redes de comércio, no estilo consagrado por Raymond Firth, a monografia tomou outro rumo devido a contingências e imprevistos, grandes e pequenos. Leach chegou à Birmânia (hoje Myanmar) pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, e realizou sua pesquisa como membro do Exército birmanês, lá permanecendo até o final da Guerra. Nessa condição, viajou extensivamente pelos territórios Kachin, Assam e Yunnan, o que resultou em uma pesquisa de campo diferente da considerada então (e mesmo hoje) convencional. Some-se a esta deambulação a perda da maioria de suas anotações, o que o levou a construir a argumentação do livro utilizando-se de memórias e de fontes históricas produzidas por missionários, viajantes e funcionários governamentais. Estas condições de pesquisa teriam influenciado suas reflexões sobre mudança política e variação cultural – sua pesquisa em trânsito e o mergulho em material historiográfico lhe deram elementos para sustentar que oscilações entre diferentes modelos políticos eram constantes na região.<sup>10</sup>

Radcliffe-Brown e Lévi-Strauss estão presentes no texto como interlocutores: em relação ao primeiro, Leach argumenta que, na região estudada, as fronteiras do que se pode chamar de *sociedade* e de *cultura* não são coincidentes; nesta região dominava um sistema aberto e instável de linhagens relacionadas por ciclos de *mayu* e *dama*, respectivamente “doadores” e “recebedores” de esposas. Assim, a ideia de uma “estrutura social” seria aceitável apenas como modelo lógico construído pelos antropólogos, modelos *como se* fossem estáveis, já que sociedades reais nunca estão em equilíbrio – são justamente as inconsistências na lógica da expressão ritual que permitem seu bom funcionamento.

Com o segundo, a disputa refere-se às regras matrimoniais desiguais que, para Lévi-Strauss, são internas ao parentesco e que, para Leach, precisam levar em conta o território, a posse da terra e as relações clientelistas. Isto é, o casamento prescritivo entre os Kachin está ligado a circunstâncias mais amplas que apenas as do parentesco, incluindo as políticas e as econômicas.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Este ponto é desenvolvido por S. Hugh-Jones e J. Laidlaw na introdução ao 1<sup>o</sup> volume de *The Essential Edmund Leach* por eles editado e publicado em 2000 pela Yale University Press.

<sup>11</sup> Antes mesmo de publicar *Political Systems*, em 1951, Leach escreveu um comentário sobre o uso do material Kachin por Lévi-Strauss. Ver Edmund Leach, “Kachin and Haka Chin. A rejoinder to Lévi-Strauss”, *Man* (new series) 4 (2): 277-85, 1969.

No desdobramento das discussões a respeito das noções de rito e mito (que atingiriam seu auge na década seguinte), nesta monografia Leach se posiciona a favor de vê-los *em ação*: a comunicação entre diferentes grupos que habitavam a região se fazia pelas variações de dialeto, vestimenta, adornos, ornamentos e outros sinais definidos como “rituais”. O ritual é, assim, um aspecto presente em qualquer tipo de ação; ele “diz” alguma coisa sobre os indivíduos em contato. Da mesma forma, os mitos são analisados em termos dinâmicos, indicando que são manipulados pelas pessoas de acordo com seus interesses.

Publicado em 1954, o livro tornou-se uma das monografias clássicas da antropologia por sua contribuição teórico-etnográfica duradoura: (i) por contestar os sistemas de equilíbrio então influentes na antropologia feita na Inglaterra, (ii) por eliminar a ideia de totalidades fechadas (tribos, aldeias etc), (iii) por propor que possam ser considerados rituais todos os aspectos comunicativos das relações sociais, (iv) por indicar que sistemas políticos podem oscilar em uma só região e, finalmente, (v) por chamar a atenção para o fato fundamental de que os limites/fronteiras da sociedade não são coincidentes com os da cultura – lição que ainda hoje vai contra o senso comum e é, portanto, fundamental para entendermos o mundo atual.

### ***Pul Eliya, a village in Ceylon, 1961***

Foi na região Centro-Norte do Ceilão, Pul Eliya, a segunda pesquisa de campo intensiva de Leach, em 1954 (mesmo ano da publicação de *Political Systems*), mais tarde complementada por breve visita em 1956. Focalizando a relação entre o sistema local de posse da terra e o parentesco, Leach analisa aspectos presentes na época da pesquisa, assim como examina documentos históricos desde o final do século XIX. Com uma pesquisa minuciosa a respeito da população da localidade, verifica *surveys* cadastrais, explora registros fiscais, recolhe documentos de transmissão e posse da terra, busca casos de litígio, além de levantar genealogias completas e mapeamento de grupos residenciais.<sup>12</sup> Explicitamente se recusando a considerar o parentesco “como uma coisa em si” (“*a thing in itself*”), avalia que, em Pul Eliya, não era a descendência, mas a localidade, que formava a base dos grupos corporados.

---

<sup>12</sup> Nur Yalman, seu aluno que também realizava pesquisa de campo no Ceilão na mesma época, conta que, ao ver Leach com uma trena na mão, medindo uma área de cultivo, descobriu o que realmente significava o trabalho de um etnógrafo (comunicação pessoal).



Se se considerar o parentesco isoladamente, este procedimento levaria à velha concepção de sistemas de equilíbrio estruturados de acordo com normas legais ideais, ao estilo de Radcliffe-Brown. A ênfase restrita na descendência e na organização patrilinear não levaria em conta como a população atribuía importância às conexões de parentesco matrilineares e de afinidade. Assim, isolar as relações de trabalho no cultivo e na colheita do arroz, na pesca de tanque e na agricultura itinerante impediria a compreensão de que os conceitos de descendência e de afinidade são expressões de relações de propriedade que se mantêm através dos tempos: “O casamento une; a herança separa; a propriedade perdura”.<sup>13</sup> Assim, como antes em *Political Systems of Highland Burma*, Leach enfatiza que é necessário examinar o vínculo entre modelos ideais – modelos que, no longo prazo parecem ser obedecidos e respeitados – e o comportamento efetivo, uma carência na antropologia de Meyer Fortes, principal adversário que Leach elege no livro.

## Os anos 1960

Vencida a fase dos debates sobre parentesco, Leach parece cativado pelas possibilidades lógicas da proposta lévi-straussiana. Se em “Rethinking anthropology”, o artigo de 1961, Leach já se movimentava em direção à perspectiva estruturalista, na década de 1960 esta associação progrediu e frutificou.<sup>14</sup> A afinidade com sua formação anterior em engenharia e matemática vem à tona em vários artigos notáveis desta década, como “Golden bough or gilded twig?” (1961), “Genesis as myth” (1962), “Anthropological aspects of language: animal categories and verbal insults” (1964), “Virgin birth” (1966), “The legitimacy of Solomon” (1969), “Michelangelo’s Genesis: Structural comments on the paintings of the Sistene Chapel ceiling”(1978).<sup>15</sup>

<sup>13</sup> Ver Edmund Leach, *Pul Eliya, a Village in Ceylon: A study in land tenure and kinship* (Cambridge: Cambridge University Press, 1961, p. 11). Ver Stanley Tambiah, *Edmund Leach. An anthropological life*. (Cambridge: Cambridge University Press, 2002), para uma avaliação minuciosa da monografia da perspectiva de um antropólogo originário do Sri Lanka.

<sup>14</sup> Lévi-Strauss produziu uma efervescência geral na disciplina e outros antropólogos ingleses também se viram em diálogo com o estruturalismo. Exemplos são Mary Douglas e o desenvolvimento da noção de poluição, e Victor Turner, especialmente o primeiro capítulo de *The Ritual Process* (Chicago: Aldine Publishing Co., 1969). Mais tarde, Victor Turner e Lévi-Strauss entram em debate aberto em relação ao estudo de ritos vs. mitos. Ver as discordâncias em Victor Turner, “Symbolic studies”, *Annual Review of Anthropology*, 4: 145-61, 1975; Lévi-Strauss, último capítulo de *L’Homme Nu*, último volume da série *Mythologiques*.

<sup>15</sup> A excelente coletânea organizada por Roberto DaMatta, parte da coleção Grandes Cientistas Sociais da Editora Ática, traz alguns dos mais conhecidos artigos desta fase da obra

O encantamento com a obra de Lévi-Strauss, e o impacto que, a partir de então, é visível em sua produção não obscurece, contudo, as nuances que procura introduzir. Incondicional defensor da importância dos dados empíricos da pesquisa de campo – certamente não sendo este o forte de Lévi-Strauss – Leach procura fundamentar e expandir suas interpretações com base em minuciosas evidências etnográficas. Assim, pares de oposição e dicotomias, a base da análise estruturalista, são moduladas de forma a incluir categorias intermediárias. Entre “coisas sagradas” e “não sagradas”, propõe a introdução daquelas *mais* sagradas e das *menos* sagradas; nas classificações propõe zonas ambíguas interditas (os tabus); nas diferenças entre povos tradicionais e as experiências “supostamente civilizadas”, interessa-se mais pelas semelhanças; ao invés de aceitar a inspiração da linguística devido ao rigor de sua metodologia, confessa interessar-se quando “as peças do quebra-cabeças combinam” (cf. “Virgin birth”). Nesse processo, chega ao questionamento dos preconceitos dos antropólogos, criticando-os por sua ingenuidade em distinguir devoção (nossa) e ignorância (deles) para o mesmo fenômeno, quer seja a ideia do nascimento virgem, do cabelo mágico, das estórias da Bíblia.

Em síntese, Lévi-Strauss lançou o instrumental analítico que tornou possível a promessa anunciada na antropologia até então – a de aproximar os povos do mundo, eliminando seu caráter evolutivo ou exótico. Leach leva este nivelamento ao seu limite. Entusiasmado com a potencialidade da perspectiva estruturalista, não deixa de indicar suas divergências (mesmo no pequeno livro publicado sobre a obra de Lévi-Strauss), combater postulados que enrijecem a compreensão de seres humanos de carne e osso, e criticar o caminho perigoso que faria da antropologia uma simples filosofia.<sup>16</sup>

## Ritual

Foi nesta década de 1960 que Leach apresentou “Ritualization in man” (1966) em um seminário interdisciplinar, um texto breve que explicitou, de forma clara e direta, sua abordagem ao ritual. Uma preocupação permanente à sua obra, ritual não foi um *tema* a que se dedicou, mas uma dimensão fundamental de sua arquitetura

---

de Edmund Leach, tendo servido de leitura para a formação de gerações de antropólogos brasileiros. Ver Roberto DaMatta (org.), *Edmund Leach* (São Paulo: Ed. Ática, 1983).

<sup>16</sup> Edmund Leach. *Claude Lévi-Strauss*. (Nova York: The Viking Press, 1970).

teórica. Inicialmente estimulado pelas leituras de Van Gennep e Durkheim, nos anos 1950 Leach havia produzido dois ensaios clássicos sobre a relação entre ritual e a concepção de tempo, “Cronus and Chronos” e “Time and false noses”.<sup>17</sup> No primeiro, a etnografia Kachin o leva a uma reflexão sobre a mitologia grega; no segundo, examina a marcação do tempo pelas festividades. Em *Political Systems*, da mesma época, junto ao aspecto instrumental, o ritual é considerado imprescindível para que se perceba como os indivíduos manipulam o costume cultural padrão. Mas é no artigo de 1966 que, frente a um simpósio com etólogos, psicólogos, sociólogos, historiadores da arte e outros antropólogos, Leach explicita que distingue três tipos de comportamento: o técnico racional (que produz resultados estritamente mecânicos), o comunicativo (parte de um sistema de signos que transmite informação) e o mágico (comportamento potente em si mesmo). Os dois últimos ele chama de “ritual”. Para Leach, a linguagem é, portanto, uma forma de ritual, isto é, de um lado, a enunciação das palavras já é um ritual e, de outro, com frequência atos e palavras se combinam para transmitir informação. Contrário ao senso comum, para Leach o ritual é uma forma de comunicação *condensada e econômica*.

Na época, a magnitude teórica do ritual, para Leach, tinha seu contraponto no interesse maior de Lévi-Strauss pelos mitos; para o último, mitos e totemismo eram “bons para pensar” enquanto, para Leach, rituais eram bons para viver: mitos e rituais *diziam* as mesmas coisas; mitos seriam rituais verbais.<sup>18</sup> Inversa era a proposta lévi-straussiana: rituais não passavam de mitos contados por meio de ações e objetos, um esforço pouco racional de recapturar a experiência vivida já fragmentada pelas operações lógicas do pensamento mítico – e, portanto, menos interessantes para análise.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Os dois artigos foram publicados em 1953 e 1955, respectivamente, em *Explorations*, um periódico canadense, mas se tornaram conhecidos como os ensaios finais de *Rethinking Anthropology* (1961) sob o título de “Two essays concerning the symbolic representation of time”. Ver observação da trajetória dos artigos em S. Hugh-Jones e J. Laidlaw (eds.), *The Essential Edmund Leach*, vol. 1 (Nova York: Yale University Press, 2000, p. 181).

<sup>18</sup> Tambiah ampliou o escopo da perspectiva de Leach, seu mentor, propondo “uma abordagem performativa ao ritual” (“a performative approach to ritual”). Ver Stanley Tambiah, *Culture, Thought and Social Action* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985, capítulo 4). Em “Animals are good to think and good to prohibit”, capítulo 5 do mesmo livro, Tambiah propõe que, entre o intelectualismo de Lévi-Strauss e o moralismo de Meyer Fortes, há espaço para uma reconciliação entre as propriedades estruturais dos sistemas simbólicos e a eficácia dos símbolos para unir indivíduos e grupos a regras morais de conduta; ambos não são apenas pensados mas também vividos.

<sup>19</sup> Ver Claude Lévi-Strauss, *L’Homme Nu*, último capítulo, 1971 (série *Mythologiques*).

A abordagem de Leach ao ritual teve, e continua tendo, grande influência entre os antropólogos brasileiros. Em 1973, o livro *Ensaio de Antropologia Estrutural*, de Roberto daMatta, já anunciava sua importância. Colocando em prática a análise estruturalista de Lévi-Strauss, o desenho do livro, reunindo diferentes temas oriundos de universos heterogêneos em um mesmo registro analítico, revela uma abordagem próxima à de Leach. Em *Carnavais, Malandros e Heróis*, examina rituais e literatura brasileira com o objetivo de explicitar valores, atitudes e ideias, procurando desvendar o dilema brasileiro.<sup>20</sup> Inspirada em Leach, pela via da proposta de Stanley Tambiah, uma coletânea de trabalhos sobre rituais foi reunida sob o título de *O Dito e o Feito. Ensaio de antropologia dos rituais*.<sup>21</sup> Estes textos versam sobre diversos temas (uma peça teatral de Nelson Rodrigues, mensagens enviadas por espaçonaves, rumores na internet, bravatas como gênero, marchas políticas, reuniões de camponeses, eleições na ONU), todos inspirados na ideia de que a fala é um evento comunicativo e que, portanto, o dito é também feito.<sup>22</sup>

### Vivendo antropologia

Para muitos antropólogos é frequente o hábito de unir, porque seria impossível separar, seu ofício de pesquisador de sua própria vida. Este foi o caso de Leach, que constantemente admoestava seus colegas quanto à rigidez de suas análises, lembrando que a vida é tanto imprevisível quanto plástica. Quando, em 1986, viajou aos Estados Unidos pela última vez para apresentar a conferência “Masquerade: The presentation of the self in holi-day life” em duas universidades, utilizou-se de uma longa sequência de slides, a maioria do arquivo fotográfico de sua família, para discutir como os mitos são criados.<sup>23</sup> É o próprio autor o principal personagem do

---

<sup>20</sup> Em ambos os livros, as presenças de Victor Turner e Louis Dumont como interlocutores indicam a bricolagem teórica particular do autor. Ver Roberto DaMatta, *Ensaio de Antropologia Estrutural* (Petrópolis: Ed. Vozes, 1973); *Carnavais, Malandros e Heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro* (Rio de Janeiro: Zahar, 1979).

<sup>21</sup> Ver Mariza Peirano (org.), *O Dito e o Feito. Ensaio de antropologia dos rituais*. (Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2002).

<sup>22</sup> Stanley J. Tambiah foi um dos herdeiros intelectuais de Leach, tendo redigido seu longo obituário para *Proceedings of the British Academy* em 1998 e, poucos anos depois, a biografia *Edmund Leach. An anthropological life* (Cambridge: Cambridge University Press, 2002).

<sup>23</sup> O ensaio foi publicado em duas revistas, ambas em 1990. Como o manuscrito original encontrado depois de sua morte não continha as imagens apresentadas na conferência, elas foram reconstruídas segundo indicações no texto e pela lembrança de alguns colegas que

texto – reconhecemos ao final do artigo – que, neste momento, acerta contas com seu passado por meio de uma triangulação com Malinowski e Lévi-Strauss. Neste tocante e envolvente ensaio, Leach engaja Lévi-Strauss na discussão sobre a diferença entre mito e história, argumentando que os limites entre “fato histórico”, “tradição”, “lenda”, “contos de fada” são imprecisos e artificiais; rejeita outra tese lévi-straussiana de que os mitos são reconhecidos pela qualidade de suas fantasias; propõe que tanto história quanto mitos derivam de narrativas sobre o passado, mas que não está em questão sua veracidade; e defende que a peculiaridade do mito é sua implicação moral. Ao mesmo tempo, insere, entre seus antepassados e junto a outras imagens etnográficas de várias partes do mundo, fotos de Malinowski entre os trobriandeses para defendê-lo de alguns especialistas norte-americanos que, na época, o viam “como uma fraude”, alguém que pregava a *observação participante*, mas não a praticava. Duas fotos mostram-no posando diante dos trobriandeses; Leach acrescenta outras em que Malinowski está à vontade sentado lado a lado com os nativos.<sup>24</sup>

A conclusão é típica de Leach mas, em parte, inesperada e comovente: para vivermos em sociedade temos que classificar em hierarquias nossos parentes e vizinhos; todos somos pessoas sociais; todos vestimos “máscaras”. Como todas as sociedades são apanhadas na história, cada de um nós cria, para nossos propósitos, um sistema imaginário de ordem; precisamos idealizar o passado. Esta é a base real do culto de ancestrais. Leach conclui dizendo que, na apresentação das fotos, mostrou dois de seus seres sobrenaturais: um, seu tio-avô, autor da obra *History of the Mongols*, em cinco volumes, Sir Henry Hoyle Howorth, que aparece em uma das imagens aos 17 anos. A outra divindade pessoal, diz Leach, foi Bronislaw Malinowski, sem o qual não estariam lá presentes para ouvi-lo.

---

assistiram às palestras. Ver *Cambridge Anthropology*, 13 (3): 47-69, 1990 e *Visual Anthropology Review*, 6 (2): 2-13, 1990.

<sup>24</sup> As fotos mostradas no texto foram apresentadas pelos professores William Shack e George Stocking Jr. Infelizmente as últimas fotos de Malinowski (relativamente) descontraído não são mencionadas nos textos publicados. Posso afirmar a exposição por Leach porque presenciei sua segunda palestra. Aliás, são estas fotos (faltosas) que, na verdade, redimem Malinowski no contexto do ensaio.

### **Bibliografia de Edmund Leach em português:**

*Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: EDUSP (Apresentação de Lygia Sigaud, pp. 9-45), 1995.

Original: *Political Systems of Highland Burma*. Londres, 1954.

*Repensando a Antropologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

Original: *Rethinking Anthropology*. Londres, 1961.

*As Ideias de Lévi-Strauss*. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

Original: *Claude Lévi-Strauss*, Fontana, 1970.

*Cultura e Comunicação*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.

Original: *Culture and Communication. The logic by which symbols are connected*. Cambridge, 1976.

*A Diversidade da Antropologia*. Lisboa: Edições 70, 2002.

Original: *Social Anthropology*. Londres, 1982.

Once a knight is quite enough: como nasce um cavaleiro britânico. *Mana*, 6 (1): 31-56, 2000.

Original manuscrito. Publicado em S. Hugh-Jones e J. Laidlaw (eds.) *The Essential Edmund Leach*, 2000, pp. 194-209, baseado em texto apresentado na Universidade de Illinois, Urbana-Champaign, em abril de 1981.

### **Fontes para acessar a bibliografia de Edmund Leach:**

Stephen Hugh-Jones e James Laidlaw (eds.), *The Essential Edmund Leach* (2 vols.). Nova York: Yale University Press, 2000.

Stanley J. Tambiah, *Edmund Leach. An anthropological life*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland. *Edmund Leach. A bibliography*. Occasional Paper, 42, 1990.

(Revisão do texto: Elizabeth Cobra)